

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM GRÁFICA NO CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA DAS CRIANÇAS¹

Amanda Carvalho Sibulinski ¹
Maria Regina Johann ²

As diversas formas de linguagem marcam o nosso desenvolvimento como sujeito linguístico, cultural e social e permitem a expressão de ideias e saberes de modos diversos, entre eles, a linguagem gráfica das crianças. Durante o desenvolvimento da linguagem escrita das crianças, ou seja, sua alfabetização, é necessário compreender o processo que leva a maturação motora e cognitiva dos pequenos, para perceber como a linguagem gráfica e a escrita se desenvolvem de modo inter-relacionadas. Nesse sentido, é plausível dizer que as garatujas e os desenhos simbólicos colaboram para o desenvolvimento da escrita e da leitura, uma vez que tais linguagens estão na dependência da noção de jogo, imaginação, simbolização, conceituação e abstração.

Em consideração ao exposto, evidenciamos que a linguagem escrita só inicia sua construção alinhada com o desenvolvimento gráfico da criança. Isso porque para que a criança se aproprie de um sistema representativo como o alfabeto, é indissociável o vínculo do objeto e seu significado, algo referente ao desenvolvimento gráfico e sua potência simbolizadora.

Dessa forma, analisaremos os estágios e/ou movimentos preparatórios para a linguagem escrita, subsidiados pelo desenho como sistema de representação e interpretação do mundo em que a criança vive e convive, para mais tarde inserir-se no mundo da leitura e escrita.

O presente trabalho é parte de um estudo de revisão bibliográfica inscrito na disciplina de Artes na Educação Infantil e Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia e estabelece diálogo com Pillar (1996); Derdyk (1990); Alexandroff (2010), Fochi (2020), entre outros. O tema dos estudos centra-se na linguagem gráfica com destaque

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI. Bolsista ProUni. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. amanda.sibulinski@sou.unijui.edu.br

² Professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Atua nos cursos de licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijui (PPGEC). Desenvolve pesquisas na área das linguagens, da estética, da infância, e tecnologia digitais de informação e comunicação (TDIC), membro dos Grupos de Pesquisa Teorias Pedagógicas e Dimensões Éticas e Políticas na Educação e do Grupo Mongaba: Educação, linguagens e tecnologias e Paidotribas.

para os processos de marcas, garatujas e desenhos e sua interlocução com a alfabetização durante os primeiros anos escolares.

Iniciando a alfabetização, é comum vermos como a linguagem gráfica e o desenho vão perdendo força no contexto escolar. Momentos de interpretação e leitura de imagem vão aos poucos cedendo lugar para o processo de leitura e escrita. Contudo, é necessária a pesquisa diante do processo gráfico para compreender o nível que determinada criança se encontra para, então, entender e auxiliar no processo de alfabetização de outras linguagens, como a escrita, por exemplo.

Os signos são abstrações que representam algo, mesmo não tendo nenhuma relação com o objeto. Assim, o alfabeto é o maior exemplo de signos, que juntos trazem a ideia de um sistema representativo e que portam em si um significado simbólico e cultural. Dessa forma, para que a criança compreenda esse momento de representação simbólica, ela precisa já ter iniciado sua simbolização e capacidade narrativa acerca do que registrar, conforme menciona Pillar:

[...] para que a criança se aproprie dos sistemas de representação do desenho e da escrita, ele terá de reconstruí-los, diferenciando os elementos e as relações próprias aos sistemas, bem como a natureza do vínculo entre o objeto do conhecimento e sua representação. Esse vínculo pode ser arbitrário, como no caso da escrita, por se valer de signos, ou analógico, como no desenho, por utilizar símbolos. (PILLAR, 1996, p.32).

A prática inicial da escrita em muitos métodos de ensino inicia-se com o desenho da letra. As crianças percebem o alfabeto como símbolos a serem desenhados, e só mais tarde compreendem o significado com o significante que carrega cada letra. Desse modo, a criança ao desenhar irá representar aquilo que conhece e inclui no seu contexto, bem como as possibilidades de exploração da linguagem simbólica, assim como destaca Marlene Coelho Alexandroff no texto "Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita" (2010).

Luquet (1969), nos faz refletir sobre o desenho traduzir aquilo que a criança sabe e imagina e não necessariamente o que esteja vendo ou observando no ato de desenhar. Uma cadeira para uma criança não terá o aspecto visual de como realmente é esse objeto, mas sim, do que ela sabe sobre cadeira. Desta maneira, a alfabetização se concretiza nos mesmos pilares, ou seja, a criança que escreve e lê faz dessa sua ação equivalente ao que conhece e o

que se sabe, por esse motivo, a grande necessidade de tornar os momentos significativos e exploradores no processo da linguagem escrita.

[...] sabemos, desde Luquet, que desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente. (FERREIRO, 1985, p.55)

Quando pedimos para que uma criança copie um desenho de forma igual ao que está vendo, impedimos que sua capacidade imaginária e seu potencial de interpretação seja explorado, dessa forma, tornando uma experiência com pouca expressão. O mesmo acontece ao pedir que a criança apenas copie determinadas palavras ou frases que para elas são formas gráficas sem valor de interesse, tornando o momento da alfabetização um movimento repetitivo e memorizado, e não um processo construtivo do conhecimento.

Nessa perspectiva, mais uma vez o desenvolvimento gráfico e o processo de desenvolvimento da linguagem escrita das crianças estão entrelaçados. Emília Ferreiro (1985), pesquisadora e grande influência no campo da alfabetização, em suas obras traz referências de Luquet no campo do desenho e seus reflexos no processo de aquisição da linguagem escrita.

Dentre as reflexões está a diferenciação por volta dos 4 anos entre a garatuja e as primeiras tentativas de escritas. Apesar de inicialmente parecer riscos desordenados, são hipóteses de imitação dos adultos ao redor quando escrevem. Baseado em Luquet, a origem do desenho e da escrita é comum, haja vista que o desenho inicialmente é uma exploração dos movimentos e a escrita inicia como um desenho.

Posteriormente, a criança passa a construir diferentes formas de diferenciação entre os elementos, tanto no desenho como na escrita, entrando na fase da incapacidade sintética do desenho, percebendo as diferentes formas dos objetos e as relações espaciais topográficas, mas permanecendo na escrita pré-silábica, quando começa a fazer diferenciações quanto ao número e posição de letras, sem se preocupar ainda com a relação fonema/grafema. (ALEXANDROFF, 2010, p. 38).

Ademais, conforme o desenho evolui no processo a escrita também altera. Pillar, (1996) traz relações entre os estudos de Luquet e Ferreiro sobre esse processo, atrelado aos níveis de desenvolvimento do desenho aos níveis de alfabetização. Nesse sentido, uma criança no realismo fortuito está no pré -silábico, quando avança para o realismo intelectual ela está progredindo entre os níveis silábico, silábico alfabético e alfabético (ALEXANDROFF, 2010,

p. 38). Por fim, a criança atinge o realismo visual e, em seu processo de escrita, ela busca o aprimoramento da ortografia.

É evidente que, apesar de educadores buscarem como subsídio de sua prática os livros sobre métodos de alfabetização e elencar como sua atividade principal a leitura e escrita, o desenho continua sendo uma alternativa de grande potencial para análise das crianças.

A criança, a grande autora dos eventos mantém uma relação de prazer que impulsiona e estimula este seu fazer. O corpo inteiro da criança desenha concentrado na pontinha do lápis, que lhe abre a possibilidade da experiência da conquista das formas. O desenho estabelece um elo de participação entre a criança e o mundo, evocando e despertando formas, imagens, significados, através de seus recursos materiais (DERDYK, 1990, p. 106).

Os elementos que a criança apresenta em seus desenhos nos permite entender o que ela sabe e conceitua acerca de seu universo cultural (DERDYK, 1990). Assim, quando ela já consegue simbolizar, fazer associações, estabelecer relações entre o que desenha e narra, registrar a partir do fenômeno de transparência e do rebatimento, ela está em condições de abstrair e entender os signos linguísticos, sendo essas algumas das características da alfabetização. Portanto, caso a criança não tenha atingido esses níveis ainda, é muito provável que seu processo de linguagem escrita demore mais para ocorrer.

Contudo, é necessário observar que os padrões educacionais abordados durante a alfabetização, por muitas vezes, são repetitivos e baseados em provas diagnósticas padronizadas em turmas heterogêneas. No momento que é proporcionada a experiência de observar o processo de desenvolvimento da linguagem escrita por meio do desenho, é possível identificar com mais precisão aspectos da aprendizagem que se encontram nos processos comuns da sala de aula. Nesse contexto, a professora, como pessoa referência das crianças, tem a responsabilidade de diversificar as formas de avaliações existentes, pensando no sujeito como um ser cultural e social, mas também, subjetivo.

Diante da análise exposta sobre o processo de construção da escrita por meio da linguagem gráfica se tornou possível tecer ao longo dessa revisão bibliográfica, valiosas considerações que fomentam o ponto inicial de debate acerca do desenvolvimento cognitivo da criança marcado pelas características do seu desenho e de criar signos durante esse processo.

Nesse sentido, destaca-se a importância dos processos de expressão gráfica para as crianças dos Anos Iniciais, pois os mesmos potencializam a comunicação, tanto visual quanto

escrita, enriquecendo a compreensão das múltiplas linguagens escolares. Desse modo, é indicado considerar a linguagem gráfica na interpretação das fases de desenvolvimento que as crianças se encontram. Por conseguinte, urge ampliarmos os estudos e debates deste assunto nos curso de formação de professores, especialmente no âmbito da Pedagogia, uma vez que são estas as linguagens que os pequenos mobilizam para se comunicar e manifestar o que sabem e desejam saber.

Palavras-chave: Alfabetização. Desenho. Linguagem Gráfica.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção psicopedagógica** [online]. v. 18, n. 17, p. 20-41, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200003.

Acesso em: jul. 2023.

DERDYK, E. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1990

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985.

FOCHI, Paulo. **A escuta da criança e as contribuições para nosso aprendizado sobre a infância**. Disponível em: <https://youtu.be/RmE9bZdZjYI?t=1>. Acesso em: jun. 2023.

PILLAR, Analice Dutra. Desenho e escrita como sistemas de representação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996^a.